

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 251

31 de maio de 2014

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos.

Eu queria aproveitar a oportunidade desta mensagem¹ do Martin Pagnan que me foi repassada pelo Felipe Martins, embora ela seja de 2007, na qual ele diz que eu sou um dos poucos estudiosos no mundo que estão levando avante o que o Eric Voegelin entendia por ciência política. Então, aproveitando esta ocasião — que, aliás, muito me alegra que alguém tenha compreendido tão bem o sentido do que estou tentando fazer —, gostaria de expor algumas idéias sobre o que eu entendo por ciência política e que, creio eu, embora não coincida inteiramente com o projeto do Eric Voegelin, é bastante harmônico com a concepção dele. Eu, de fato, não procurei fazer nada que fosse parecido com o que ele estava fazendo, mas, na medida do possível, procurei pesquisar certos pontos específicos que, de algum modo, reforçassem esse trabalho dele, como quem colocasse mais um tijolinho embaixo para tornar a construção mais sólida. Eu nunca tive a ambição de fazer uma construção larga como ele fez, mas sempre procurei trabalhar em uma linha que fosse coerente com o que ele estava tentando, que me parece o esforço mais sério de uma ciência política no século XX.

Com a ciência política acontece uma coisa muito peculiar, que, creio eu, poucos estudiosos chegaram a notar. Veja que todas as ciências naturais começaram pela coleta de fatos. Já no tempo de Aristóteles ele descreveu meticulosamente pelo menos duzentas espécies de animais e, ao mesmo tempo, tentou fazer um esforço semelhante na área da política, colecionando e classificando as constituições de dezenas de países em torno. Mas as ciências naturais progrediram durante dois milênios na base da coleta e classificação. Na verdade, você não vê nenhum grande esforço de classificação antes do tempo de Buffon e do barão Cuvier; eles foram os primeiros que tentaram a classificação geral das espécies animais. São dois mil anos de coleta de fatos antes de tentar sequer uma classificação geral e, em seguida, vieram as teorias gerais mais ambiciosas, como o evolucionismo de Charles Darwin e outros.

Nas ciências humanas, aconteceu o contrário: o esforço inicial de Aristóteles foi totalmente abandonado, quer dizer, as coletas de fatos políticos e as grandes filosofias sociais e teorias políticas do ocidente já estavam todas prontas antes que começasse qualquer coleta significativa de fatos. Na verdade, só observamos essa coleta a partir do século XIX com a

¹ Mensagem referida: “Olavo is perhaps the only scientific thinker on the issues of which the quote below is an example. Like Milton Friedman he is a no nonsense thinker. I have watched his writings for a while now and I would say that he may be the only person alive who is extending what Eric Voegelin meant as ‘science’ - analysis of what happens with particular types of government and elite attitudes and practices. The EVforum was honored from the moment he joined us”, Martin Pagnan, Eric Voegelin Institute.

constituição das ciências históricas de Leopold von Ranke, e, desde então, com esforços antropológicos, etnográficos etc., a massa de fatos foi se avolumando muito. Porém, o liberalismo de John Locke, a teoria de Hobbes, o positivismo, as idéias dos iluministas e o marxismo já estavam todos prontos antes dos fatos. Então não é de espantar que todas essas teorias tenham adquirido mais um valor de *slogans* e de símbolos unificadores de movimentos e de estimulantes para várias militâncias: umas melhores, outras piores, mas, no fim das contas, essas teorias todas serviram mais para isso do que para fins de uma explicação científica.

Eu me lembro também de que quando Eric Voegelin foi para a Alemanha e deu um curso sob o nome de “Ciência Política”, o pessoal achou muito estranho porque ele não tocava nos temas tradicionais da filosofia política: não falava de legitimidade, nem de constituição, nem de todas essas coisas que são o arroz com feijão do que se chama a teoria política. E ele mesmo sempre dizia: “Vocês não estudem filosofia, estudem a realidade!”. Esta frase teve um impacto muito grande para mim. Eu acho que é bastante fácil lidar com idéias gerais, com concepções abstratas e, sobretudo, deduzir delas aquilo que achamos que deve ser feito; por exemplo, você parte de valores universais e vai deduzindo até situações particulares. Mas o fato é o seguinte: você está compreendendo as situações particulares? Então, me pareceu que o grande problema da ciência política não era o esforço de generalização, mas sim o esforço de compreender as situações particulares, uma por uma, de modo que algum dia quando se procedesse a uma generalização, se tivesse uma base factual suficiente.

Assim, comecei a dar muito mais importância à análise de situações particulares. Acontece que esta análise, por sua vez, tem de se basear em uma grade de conceitos descritivos. Parte-se de um conjunto e de um conceito descritivos que são apriorísticos, que são definidos apenas em termos de possibilidade e impossibilidade, e depois, à medida que vai testando descrever as situações com base nesses conceitos, vai corrigindo os próprios conceitos — corrigindo, aperfeiçoando, modificando etc. —, e é exatamente o que eu tenho tentado fazer. Por exemplo, um conceito muitíssimo usado é o conceito de ideologia, mas existem cinquenta definições diferentes de ideologia; sobretudo, eu não vejo porque confundir o que seria uma batalha ideológica com a batalha política propriamente dita.

O primeiro serviço seria definir, mais ou menos, abstratamente, e de maneira aprioristicamente, o que seria o campo do que nós entendemos como política. Veja que não existe nenhuma manifestação política que não esteja ligada de algum modo à conquista e exercício de um poder. Então, a descrição do fenômeno do poder foi uma das minhas primeiras preocupações; sobretudo, eu entendi que nunca se pode, ao descrever esses fenômenos, partir do estado atual deles, ou seja, daquilo que é designado por esse nome nas discussões correntes, na mídia e até no mundo acadêmico. Mas você tem de partir para as bases fundamentais, aquilo que na situação do ser humano na Terra permite que aquele fenômeno exista.

Normalmente, quando se fala de poder o pessoal já se refere ao Estado de alguma maneira e usa a palavra “poder” para designar o acesso dos indivíduos aos cargos nesse Estado. Basta um pouco de observação para ver que nem sempre as pessoas que dispõem de verdadeiro poder, sobre o que aquelas que determinam melhor o curso das coisas, são aquelas que ocupam os cargos nominalmente importantes. Então, por isso, significa que estrutura de Estado é uma coisa e poder é outra. Assim, tinha de partir para uma análise de poder que fosse baseada na condição mais geral e mais universal do ser humano sobre a Terra, independentemente de qual a sociedade onde ele está, qual o estado presente da política, qual é a constituição vigente etc. Na sua maneira mais elementar é claro que o poder é uma

possibilidade concreta de ação; possibilidade abstrata todo mundo tem, mas possibilidade concreta é a possibilidade que um indivíduo dispõe em uma situação determinada. Mais ainda, só podemos falar de um poder político quando este poder de ação se exerce sobre outras pessoas. Então, evidentemente, o poder está ligado àquele fenômeno da obediência: se ninguém obedece ao sujeito, ele não tem poder nenhum, embora possa ter individualmente muito poder, por exemplo, uma força física extraordinária, ou possa ser um gênio etc. Todo esse poder pessoal que ele tenha não significa nada politicamente se não houver a concomitância da obediência.

E eu logo entendi que havia três — e apenas três — motivos para obediência que seriam: o medo de um dano que o sujeito pode infligir a você; a expectativa de um benefício, que você espera que ele dê; a persuasão, isto é, a influência psicológica que ele exerce em você. Só existem estes três motivos para a obediência. Isto quer dizer que em qualquer situação determinada o ideal seria pegar personagem por personagem [10:00] e ver como é que ele obteve a obediência dos seus seguidores, dos seus súditos, dos cidadãos em geral, como quer que seja. Esse processo pode ser descrito, embora dê muito trabalho para saber como uma liderança começou a ser criada e como é que ela se propagou.

É claro que você pode falar, por exemplo, de uma influência pessoal em um círculo de convivência imediato. Imagine o Lula no começo da sua vida sindical: é claro que haviam outros líderes sindicais, outros militantes em volta e de algum modo ele conseguiu a obediência, ou a lealdade deles. Isso aí, até um certo ponto, poderíamos resolver na esfera puramente biográfica, quer dizer, nos contatos pessoais. Mas depois de um certo ponto a ação começa a ser indireta: o indivíduo começa a ser obedecido por pessoas que jamais o viram, que jamais tiveram contato pessoal com ele e que só o conhecem através de uma imagem pública criada por terceiros. Assim, nós temos de dividir esse estudo em dois pedaços: o da influência pessoal e o da propagação da imagem.

Uma vez que tivéssemos compreendido mais ou menos esse processo, teríamos de tentar entender o curso da ação que o indivíduo pretendeu empreender: o que ele estava buscando fazer e quais instrumentos que usou, quais os meios de ação disponíveis. Esse problema dos meios de ação é uma coisa que é freqüentemente negligenciada pelos estudiosos da política; por exemplo, eu vejo historiadores que fizeram investigações sobre a criação da imagem do rei na era clássica, a imagem do Luís XIV, esquecendo que na época dele não tinha televisão, não tinha rádio, agência de propaganda, não tinha nada, e que até a própria idéia de construção de uma imagem é um pouco exagerada. É claro que havia uma imagem, mas esta imagem certamente não foi planejada, não houve um círculo de técnicos dizendo qual a imagem do rei nós queremos transmitir e como iremos impor esta imagem a todo mundo. Não, o processo foi muito mais natural e muito menos controlado do que poderia ser hoje. Já com o advento do rádio — o grande instrumento usado por Stálin, Hitler, Mussolini etc. — há o favorecimento a um contato quase direto do líder com a sua militância.

Mas quando nós vamos investigar não só a formação da liderança, mas o curso e objetivos da ação, aí a coisa se complica formidavelmente porque, em primeiro lugar, raros personagens tem o curso de ação coerente do começo até o fim: eles mudam ao longo do tempo; em segundo lugar, nós nunca podemos ter certeza de que o indivíduo tinha uma consciência clara do que ele queria fazer, porque ali se mesclam várias motivações diferentes — o problema da motivação é outra coisa que deve ser investigada muito meticulosamente. Existem motivações, por exemplo, que nós dizemos ideológicas: há um discurso ideológico já em circulação, o indivíduo recebe o impacto desse discurso ideológico e ele o assume até certo ponto e decide personificá-lo. Mas em que medida esse discurso ideológico coincide com o

curso real da ação que ele vai empreender? Aí a coisa é enormemente complicada porque se você assume uma ideologia, a ideologia socialista, por exemplo, ela parte da concepção de um Estado ideal a ser alcançado dentro de alguns anos, ou séculos, e elabora uma estratégia para você chegar lá. O curso da execução dessa estratégia é tão recheado de desvios, atenuações, adaptações etc. que muitas vezes o curso da ação vai parecer contrário ao do objetivo ideológico proposto. Também temos de levar em conta que, entre as teorias que adquiriram importância no mundo moderno, o marxismo sempre soube levar em conta essas contradições e jogar com as contradições.

Então, em certos casos, a conexão entre discurso ideológico, estratégia e tática é um negócio enormemente complicado que tem de ser descrito caso por caso. E quando você entra neste tipo de estudo, para usar a expressão do Leopold Von Ranke, “compreender as coisas como elas realmente aconteceram”, todo o conjunto de conceitos criados pela ciência política ao longo do tempo vai lhe servir de muito pouco porque, desde o início, houve uma tendência muito grande a discutir o que seria a política ideal e a fornecer soluções, às vezes, soluções universais, para problemas locais. Você veja, por exemplo, que toda a teoria de Hobbes é feita na base do terror que ele sentiu diante das guerras de religião no seu tempo. Então lhe pareceu que era necessário criar um Estado tirânico que controlasse esses vários grupos religiosos. Assim, nós podemos dizer que isso foi uma solução que ele encontrou para uma situação determinada. Porém, este modelo é em seguida transposto para outras situações, então você fala de uma política hobbesiana fora do contexto de guerra de religião. Hoje em dia, não faz mais sentido você falar de guerra de religião, nem no caso islâmico cabe muito isso. Mas é evidente que nós não temos uma guerra de religião hoje, há bastante tempo não temos. Mas o modelo hobbesiano continua nas mentes, influenciando, encantando umas pessoas e horrorizando outras etc.

Nós temos de criar conceitos novos. Desses conceitos, alguns podem ser tirados da psicologia e da psicopatologia na medida em que nós estamos tentando explicar a atuação de personagens individuais concretos. É claro que por mais que nós falemos de tendências gerais, de correntes históricas etc., a ação efetivamente é sempre empreendida pela decisão de um ou dois ou três, um pequeno grupo de agentes concretos. E nós temos de entender exatamente o que eles estavam tentando fazer, quais os meios de ação de que dispunham e como tentaram realizar ou aquilo que declaravam ou algum outro objetivo que permaneceu, por assim dizer, escondido no íntimo da sua consciência. Em muitos casos, torna-se quase impossível você discernir os motivos ideológicos alegados e os motivos psicológicos reais. Se você estudar a biografia de Stálin, vê que uma série de ações que ele empreendeu foram baseadas exclusivamente no medo que sentiu de determinadas pessoas e não no fato de que existisse uma oposição ideológica real. Esse elemento psicológico tem de ser levado em conta porque se entremescla com a corrente ideológica de uma maneira enormemente confusa.

Em todo o caso, eu sempre achei ser importante você levar em conta o que os próprios personagens proclamaram como sendo o seu objetivo. Mas não aquilo que proclamaram necessariamente em público — o discurso público tem uma finalidade ideológica no sentido de encobrir com um manto de idéias uma ação concreta, uma luta concreta pelo poder. Então, muitas vezes, o discurso ideológico é puramente pretextual: “em nome de que eu vou fazer isto ou aquilo?”. O que não quer dizer que essa coisa em nome da qual você está agindo seja efetivamente o seu objetivo. O que também não quer dizer que o indivíduo esteja mentindo de propósito. Veja que o nível de distinção que essas coisas exigem, caso por caso, chega a ser alucinante, mas sem isto nós jamais teremos uma ciência política. Mais ainda, é característico da ciência política o fato de que ela não pode chegar — dificilmente poderá chegar — a generalizações quanto ao futuro.

Podemos entender o passado e, parcialmente, o presente, porque o futuro depende do desenvolvimento dos meios de ação, sobretudo de meios tecnológicos de ação, cujo progresso é absolutamente imprevisível e que hoje em dia é tão acelerado que, do dia para a noite, as coisas podem se modificar.

Por exemplo, ainda dez anos atrás seria utópico você imaginar um governo que fiscalizasse todas as ligações telefônicas, soubesse o que todo mundo está falando, e hoje isso já é perfeitamente possível. [0:20] Quer dizer, coisas que pareciam utópicas um tempo atrás, de repente se tornam perfeitamente reais. Por exemplo, a hipótese de um governo mundial: se você falasse de um governo mundial no tempo de Napoleão, ele mesmo ia dizer que você estava maluco.

Eu me lembro, por exemplo, de ter escrito para Editora Abril um estudo sobre quais eram os planos estratégicos de Hitler. Você veja que a idéia de que Hitler pretendia dominar o mundo é apenas uma hipérbole, é uma figura de linguagem. Ele tinha um plano muito determinado no qual haveria uma espécie de partilha de poder no mundo, onde a Alemanha dominaria desde a Europa Ocidental até a Rússia e uma parte da china, mas deixaria uma parte do oriente sob o encargo dos japoneses — em princípio não tocaria no Império Britânico e nem na América. Essa era mais ou menos a idéia. Claro que a maior parte das pessoas imaginam o plano de Hitler baseado na cena do Charles Chaplin brincando com o mundo, como se fosse uma bola. É uma figura, é um símbolo. É uma hipérbole para dizer que era uma ambição tão grande que parecia dominar o mundo.

Também, nós usamos freqüentemente a imagem de que essas pessoas, esses grandes governantes, querem ser deuses, querem imitar Deus ou tomar o lugar de Deus, o que me parece também uma hipérbole inaceitável, porque é monstruosamente exagerada. Mais certo seria dizer que eles gostariam de competir com o Diabo; o Diabo como príncipe deste mundo e não como rei do universo; é o ser que governa, que tem poder quase ilimitado, sobre uma fração do universo. Eu acho que mesmo o indivíduo mais ambicioso que já existiu no planeta nunca pretendeu nada além disso.

Essas imagens, essas figuras de linguagem, que o pessoal usa nas descrições das situações, acabam atrapalhando tudo de tal maneira que você não entende coisa nenhuma. Então eu acho espantoso que até hoje pouquíssimos estudiosos tenham se dado conta daquele fenômeno que eu assinalei no debate com o professor Duguin, de que existem três esquemas globalistas em concorrência — três e só três, não há mais de três. Você veja que um pouco antes o Malachi Martin no livro *The Keys of This Blood* (em tradução literal, *Chaves deste Sangue*), havia considerado a Igreja Católica como um desses blocos. Ele via que haviam três blocos e não levava em conta o Islam, e via a Igreja Católica como uma cunha entre esses sistemas, que, na época, seria o sistema comunista e o sistema ocidental.

Esse diagnóstico perdeu validade muito rapidamente, na medida em que o Islam entrou no cenário de uma maneira avassaladora e o projeto comunista se modificou de tal maneira — não posso dizer que foi totalmente extinto —, mas ele se modificou de tal maneira que você não pode mais falar de nenhuma unidade ideológica no bloco russo-chinês e nem no antigo movimento comunista, mas você pode falar de uma unidade estratégica. Todas essas coisas tinham de ser também analisadas à luz daquela distinção entre os três tipos de poder, os três tipos de influência, porque eles não são tipos puros. É evidente, por exemplo, que um governante, que tem o poder de atemorizar a população mediante a ameaça de castigos corporais ou da morte, é evidente que ele também usa, vamos dizer, o estímulo e a sedução,

pelo menos para ganhar uma parte do seu apoio. Quer dizer, os seus apoiadores mais imediatos não podem ser controlados só na base do medo: ele tem de ter um sistema de recompensas também. Ao mesmo tempo, ele também vai ter de usar o poder de influência intelectual ou psicológico para criar o discurso ideológico em torno. Então esses três elementos estão sempre mesclados e é muito importante distinguir como está sendo usado cada um.

Você veja, por exemplo, que no caso brasileiro nós vimos a farta distribuição de vantagens. Por exemplo, o caso do mensalão: o oferecimento de certas vantagens lícitas ou ilícitas para que determinadas pessoas colaborassem; ao mesmo tempo, existe o discurso ideológico dos direitos humanos, da igualdade dos movimentos sociais etc., e existe também a vaga ameaça não da morte física — eles não partiram para isso ainda, se bem que de vez em quando matam uma pessoa ou outra, mas não usam essa ameaça de maneira explícita —, mas existe a ameaça do dano social, de você marginalizar indivíduos, você tirar o emprego dele, isolar do seu círculo de amigos.

Em cada momento da situação, o uso dessas três formas de poder se mescla com uma dosagem específica e uma fórmula específica, e é muito importante distingui-las. Quando nós falamos do discurso ideológico, temos que lembrar que nunca o discurso ideológico pode ser aceito nos termos em que ele se coloca, porque eles podem dar certos nomes às coisas que não correspondem à realidade delas.

Por exemplo, no caso brasileiro, faz tempo que estou interessado neste ponto, que é o privilégio concedido ao lumpemproletariado desde os anos 60. Você não vai ver nenhum discurso oficial dizendo isto; eles vão falar do povo trabalhador, dos sem-terra, dos coitadinhos etc. Mas, quando você articula o discurso ideológico com as medidas reais, você vê que quando um porta voz do petismo está falando do povo, na verdade ele está se referindo a marginais, bandidos, delinqüentes, prostitutas, drogados etc.; esta é, de fato, a menina dos olhos desse partido.

E é curioso que esta era a proposta do Herbert Marcuse nos anos 60 e hoje em dia praticamente ninguém mais lê Herbert Marcuse — e, provavelmente, a liderança inteira do PT jamais leu uma linha dele —, mas esta idéia que entrou nos anos 60 criou raízes. E, se perguntamos: por que isto criou raízes tão profundas no Brasil, quando em parte alguma isso aconteceu? Então você vai ter de estudar a situação dessa militância esquerdista antes dos anos 60 e você vai verificar que o grande drama da intelectualidade esquerdista, até os anos 60, 70, era seu isolamento em relação à população: a esquerda estava falando em nome de um povo que os desprezava e os ignorava na maior parte dos casos.

Quando você vê, por exemplo, no caso das guerrilhas, aqueles caíças denunciando os guerrilheiros para o exército. Então você imagina como isso devia doer no coração desses militantes que acreditavam — ou pelo menos imaginavam — serem os defensores da população pobre e essa própria população pobre os entregando à repressão. Esse isolamento foi, durante muito tempo, um ponto dolorido na militância esquerdista brasileira. Quando apareceu o Lula — que foi, na verdade, a primeira liderança proletária que apareceu na história da esquerda nacional, que até então era constituída praticamente de estudantes e intelectuais —, de repente abriu-se uma brecha para o proletariado. Então, de certo modo, o conteúdo do discurso proletário adquiriu alguma materialidade graças à figura do Lula e, sem a menor dúvida, este foi o motivo de o terem aplaudido tanto e dado a ele tanto apoio — porque ele simbolizava, finalmente, o proletariado que saiu do armário e começou a participar das lutas.

Porém, antes deste contato proletário, você já tinha toda a mitologia do lumpemproletariado. Se você ler livros como por exemplo *Capitães de Areia*, do Jorge Amado, que é um livro dos anos 40, verá que o Jorge Amado se antecipou muito ao Herbert Marcuse. A idéia do potencial revolucionário de bandidinhos de rua, pequenos delinquentes, estava ali clara de algum modo. Se você assistir [0:30] os filmes do chamado Cinema Novo, você vai ver que o proletariado está ausente dali, mas o lumpemproletariado está sempre presente.

Então de algum modo, por inexistência de um proletariado militante até os anos 60, 70, o lumpemproletariado entra como um símbolo condensador do espírito revolucionário na mente da esquerda brasileira já antes do advento do Herbert Marcuse. Então, as teorias do Marcuse vieram apenas legitimar uma coisa que no Brasil já estava sendo praticada antes. É uma coisa que diferencia muito a militância brasileira da de todos os outros países; eu não conheço nenhum outro caso.

Quando você vê hoje que à medida que cresce o poder dessa militância a influência da mentalidade lumpemproletária cresce também, ao ponto de você ver fenômenos como esse “xereca satânic”, que mostra já, vamos dizer, a loucura total, a revolta contra tudo. E essas coisas começam a acontecer umas atrás das outras; você vê essas manifestações de rebelião sexual aberta, umas atrás das outras, e com uma repercussão muito maior do que teria em qualquer outro país. Nos EUA, quando acontecem essas coisas, são fenômenos locais, mas no Brasil não: ocupa manchetes, vai para o Jornal Nacional, todo mundo fica sabendo e se torna uma força política efetiva.

Nós vemos que na medida em que estas reivindicações abortistas, gayzistas, feministas etc. se tornaram o centro da atividade ideológica da esquerda nacional, então é claro que a história da esquerda nacional não pode ser escrita nos termos em que foi escrita a história da esquerda francesa ou italiana; realmente não é possível. Temos de usar outros instrumentos descritivos que a própria esquerda desconhece, pois ela está vivendo essa apologia do lumpemproletariado, mas ela não se descreve assim; ela não sabe que ela é assim. Então você tem um caso de dupla consciência: o sujeito está fazendo uma coisa e usando um discurso totalmente diferente. Talvez porque se ele usasse um discurso realista para descrever o que ele efetivamente está fazendo ele ia desistir de fazer.

O curioso é que você vê que ainda estão vivos muitos militantes comunistas da década de 60, 70, que foram formados na mentalidade stalinista — o velho comunista patriarcal, moralista — e que coexistem com militantes gayzistas, porra-louquistas, etc. Forma-se então um amalgama extremamente confuso. Você veja que, para mim, no meu entender, conseguir descrever o que está acontecendo ali, discernir as várias linhas de força, as várias ações, é uma coisa muito mais interessante, muito mais importante do que você ficar teorizando sobre regimes, constituições, etc.

É claro que, por exemplo, o pessoal que vem da área do direito dá muita importância para a estrutura legal das coisas, como se ela fosse a estrutura real. Mas também nisto você tem uma região de tensão entre o que está na letra da lei e o que está se fazendo realmente.

Hoje, por exemplo, você observa nos EUA que a partir do momento em que aceitaram Barack Obama como presidente — que é um sujeito que ninguém sabe de onde veio, ninguém sabe quem é o pai dele, tem uma história de vida toda repleta de mistério e coisas suspeitas, uma longa história de associações com terroristas e gangsters, e que não apresentou um único documento verdadeiro embora apresentasse três falsos —, você vê que de repente parece que

o povo americano aceitou a idéia de que ele tem de aceitar ser governado, sem saber por quem e se fizer pergunta ele é um maldito, um racista, etc. Então criou-se uma inibição psicológica tremenda.

A partir do momento em que se aceitou isso, também foi preciso aceitar toda a série de crimes e ilegalidades que o Obama começou a fazer sem que ninguém reclamasse muito, pelo menos. É claro que tem sempre aquela parte que reclama — conservadores, Tea Party etc. —, mas a população em geral e a grande mídia, que em princípio forma a sua mentalidade, aceita as coisas com um pouco de desgosto, mas não como uma revolta equivalente ou proporcional à gravidade das coisas. Por exemplo esse episódio de Benghazi, em que o governo recusa proteção a um embaixador e depois ainda inventa uma historinha ridícula para acobertar o seu crime. A lista dos crimes do Obama é um negócio impressionante; não dá para comparar com nenhum outro. E você vê que no fim aparece gente, como o Donald Trump, dizendo em público: "Esse sujeito é um palhaço: é o maior mentiroso que já vi na minha vida". Então você não tem mais respeito pelo presidente, mas você continua obedecendo. Obedecendo o quê? Qual é a lei então, se o que ele está fazendo é totalmente contra a letra da lei? A quem a população está obedecendo? A resposta é a seguinte: obedecendo à mídia e os grupos de pressão.

Então, há um novo sistema legal não escrito, que é o que realmente está em vigor e a lei escrita simplesmente já não vale mais. Então, para descrever a situação dos EUA, você teria de interpretar esse discurso da mídia, o discurso de blindagem do Obama, teria de ver qual é a estrutura lógica das exigências que ele impõe e dizer: bom, a lei que está sendo seguida é realmente essa, embora na constituição esteja escrito outra coisa.

Uma situação desta, para quem foi formado na teoria política tradicional ou no sistema jurídico tradicional, é um desafio tremendo; não foram treinados para descrever a realidade; no máximo, quando vêem que a realidade se afasta tanto da norma escrita ou da norma tradicional, eles ficam chocados ou revoltados. Mas o que adianta vocês ficarem chocados e revoltados e não entender nada. Se eu levo uma porrada, é bom eu saber de onde a porrada veio: não adiante eu ficar revoltado e falar: "ah, o sujeito me bateu!" E quem bateu? Você diz: "Não sei." Aí Você não pode fazer nada: você está apenas expressando a sua impotência. É bom você saber de onde veio a porrada, por que que o sujeito te bateu e o que você pode fazer.

Nessas situações, o melhor seria você manter a cabeça fria e tentar descrever, com a maior precisão possível, o que está acontecendo. Só que a sua tentativa de descrever também entra no jogo político e ela é interpretada pelos personagens em ação, como se isso fosse uma ação política por si mesma. Então, toda interpretação de um estado de coisas faz parte também de um estado de coisas. Eu vejo que essa série de artigos que fui descrevendo as coisas que se passavam no Brasil foi — cá entre nós — com uma precisão tão grande que me permitia prever sempre o próximo passo com acerto de quase cem por cento; coisa que ninguém fazia no Brasil. Isso é, então, interpretado como se fosse a formação de uma liderança conservadora, ou liberal, ou tucana; evidentemente, esta interpretação, que alguns indivíduos fazem, tem de entrar também na descrição do jogo de forças que existe.

É claro que o estudioso tem de saber qual é a sua posição no cenário, para não tentar descrever a coisa como se ele fosse o observador da estrela Sirius, mas ele tem de estar consciente de como os outros estão interpretando o que ele diz e como eles vão reagir a isso. Este conjunto de fatores, na verdade, é a descrição da vida humana e isso nunca é simples. Você veja que, às vezes, para você descrever um simples sentimento, por exemplo seu sentimento do ciúme: quando Shakespeare escreveu *Otelo* você vê o número imenso de

sutilezas, de pequenos sinais, que ele tem de captar, apreender, para entender como é que o ciúme vai funcionando, [0:40] como ele é acionado e como é intensificado. Então, para você descrever um simples sentimento dominante, você já tem essa dificuldade toda.

Agora, para descrever um quadro enorme desse, mesmo que você chegue a uma compreensão suficientemente ampla da coisa, é difícil você articular isso numa descrição única. Então, o que eu faço? Vou dando uma dica aqui, outra ali e esperando que o leitor seja suficientemente inteligente para captar mais ou menos a unidade do quadro o qual estou tentando descrever e consiga relacioná-lo com os conceitos descritivos, que eu coloquei naquela apostila *Problemas de Método nas Ciências Humanas* e em outros artigos nos quais, de vez em quando, eu fui explicando os conceitos que estava usando.

É claro que este trabalho mal começou, porque nós não temos a base factual suficiente. Por exemplo, a história das relações da esquerda nacional com o lumpemproletariado: eu sei que isso existiu, eu observo isso há tempo. Mais de vinte anos atrás, eu publiquei aquele artigo *Bandidos & Letrados*, mas aquilo não é uma história, eu estou apenas dando uma dica. Cadê a história disto aí? Cadê a história do imaginário esquerdista, onde ele consagra o lumpemproletariado como o herói da história? E, pior ainda, qual é a relação que existe entre esta tradição, por assim dizer, da esquerda nacional e o ingresso das ideias de Herbert Marcuse nos anos 60 e 70? Como foi possível que esse autor que foi esquecido continuasse tão influente sem que ninguém se desse conta desta coisa?

Esta é uma história que está para ser escrita. Você vê que nos meus artigos e livros eu coloco sempre um monte de notinhas marginais, sugerindo estudos, que têm de ser feitos para que nós tenhamos a base factual necessária para compreender o que está acontecendo. Mas os estudos faltantes aí, no meu entender, são mais de mil. E você vê que as universidades brasileiras não vão empreender isso aí nunca, elas não querem conhecer a realidade; elas estão envoltas, obsediadas e hipnotizadas por uma paixão da utopia sexual libertária, que já se apossou completamente deles; estão loucos mesmo. E você vê que são centenas de instituições dedicadas a dar cursos de sexo oral, essa coisa toda; eles já ficaram loucos.

Outro dia eu vi um estudo de que observar constantemente pornografia pela internet baixa o nível do Q.I., a capacidade de atenção, capacidade de abstração etc. É claro que acontece isso. Quando você vê a população universitária quase inteira obcecada por essas coisas. Esse pessoal não está capacitado para entender coisíssima nenhuma: eles só podem expressar a sua paixão, o seu ódio etc., e, ao mesmo tempo, podem encobri-lo com um discurso ideológico que engana a eles mesmos. Então a coisa se torna muito difícil de descrever, porque você já está descrevendo uma psicopatologia, onde você tem uma conduta real que não tem absolutamente nada que ver com o discurso que a encobre. Quer dizer, quando o maluco diz para você que é Napoleão Bonaparte, certamente as ações dele não correspondem a de Napoleão Bonaparte, mas a fantasia exerce uma função específica no quadro geral da patologia.

Quanto mais a situação social se aproxima do nível psicopatológico, mais difícil ela é para descrever. A falta, a carência, desses estudos factuais ao longo de sessenta, setenta anos, se torna um fator a mais na confusão reinante. Quando você faz uma psicanálise, o psicanalista tenta fazer você lembrar a sua história; é o que dizia o Dr. Müller de que a neurose é a mentira esquecida na qual você ainda acredita. Então é preciso, primeiro, desencavar essa mentira antiga, ver como é que você esqueceu, fazer com que você se lembre dela, que você perceba que é mentira e você desmantele, assim, esse sistema de racionalizações que estão encobrindo uma conduta doente.

Se não houver este conjunto de estudos, a memória nacional vai ser sempre uma memória doente que é feita para encobrir as motivações reais e para adorná-las com falsas motivações ou motivações pretextuais; essa coisa vai se agravar, agravar, agravar. Agora, é uma coisa lamentável que exista tantas universidades — que são subsidiadas com dinheiro público, e que os seus departamentos de história e de ciências humanas só sirvam para uma coisa: para ficar fazendo choradeira dos guerrilheiros dos anos sessenta — e não se faça nenhum estudo sério para saber realmente, por exemplo, a história das mentalidades: como é que se cria a história da mentalidade atualmente dominante; ninguém sabe.

Esclarecer essas coisas, esclarecer o processo real, é muito mais importante do que desenvolver teorias gerais. Claro que você precisa de uma teoria geral, mas num sentido metodológico; você tem de criar os conceitos descritivos e depois ajustá-los às situações concretas, que você está tentando descrever. Mas você não pode ter uma teoria geral explicativa *a priori*. O próprio marxismo é uma teoria *a priori*. Nós sabemos hoje que a base factual usada por Marx era mínima, e que, ademais, ele falsificou uma parte dos fatos. Comte, então, nem se fala. Naquele negócio da lei dos três estados, o sujeito já tem uma explicação antes dos fatos. E a mesma coisa se aplica a John Locke, a Hobbes e a todos iluministas etc.

A teoria política dos últimos séculos só vale como documento da história das mentalidades: ela não tem um valor científico, ela tem um valor documental; em certa época as pessoas foram loucas o suficiente para imaginar isto ou aquilo. Mas eu creio mesmo que uma verdadeira ciência política só começa a aparecer no século XX. Este é o maior dos méritos do Eric Voegelin: ele sabe articular uma coisa com outra, a idéia com a motivação real, com a percepção real das situações, embora ele tenha o problema (ele mesmo diz) de que só usa documentos escritos, onde a percepção que as pessoas tem da realidade já se exteriorizou verbalmente; fica mais fácil de interpretar, mas eu acho que não é possível você se manter só com isso aí. Por exemplo, se você procurar a história da mentalidade da esquerda nacional só com documentos escritos, você vai ter uma idéia muito errada: você vai ter de apelar para a música popular, para o cinema, para o teatro e até para crônica social etc. E você vai ter de usar, em suma, o método do Eric Voegelin com as técnicas do Gilberto Freire. O Gilberto Freire usava tudo enquanto é documento: cartinha de namorado, fotografia etc.

É claro que eu nunca tentei fazer isso de uma maneira abrangente — não tenho tempo, nem condição para isso. O máximo que eu posso fazer é documentar certos pontos, na esperança de que os leitores (sobretudo os que são meus alunos) consigam articular uma coisa com a outra e ver que existe uma perspectiva geral por trás de tudo. É isso que eu tenho tentado fazer e eu fico muito feliz de que parte já tenha entendido. Geralmente, no Brasil, o que quer que você faça, as pessoas atribuem a você uma motivação que você não tem: uma motivação que representa uma função dentro da vida dela, dentro da mente dela, mas que não tem absolutamente nada a ver com você.

Bom, hoje eu sinto muito, mas não vamos ter segunda parte, porque é aniversário da minha esposa, Roxane, e nós vamos ter de fazer uma festinha para ela. Vocês me desculpem e fica assim. Até a semana que vem e muito obrigado a todos.

Transcrição: Tamas Souza e Charles Santos
Revisão: Éricson Rojahn,